MANUAL DO PROFESSOR

A árvore que dava dinheiro

DOMINGOS PELLEGRINI

Organização pedagógica
Maria José Nóbrega

Sieduc

Árvores e tempo de leitura

Maria José Nóbrega

"O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?"[1]

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "Trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente… Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo…

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

> *Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. […] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".*[2]

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano…

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

[1] *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.
[2] *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

Um pouco sobre Domingos Pellegrini, o autor de *A árvore que dava dinheiro*

Domingos Pellegrini nasceu em Londrina, no Paraná, em 1949, e viveu a infância durante o auge da cafeicultura, quando a cidade era chamada "a capital do café". Formado em Letras, foi repórter e publicitário, "aprendendo a observar e desenvolvendo a linguagem". Seu primeiro livro de contos, *O homem vermelho*, ganhou o prêmio Jabuti. Participou de muitas antologias e coletâneas de contistas brasileiros, e tem também publicados livros para jovens e crianças. Acumula em sua experiência passagens pelo teatro, política e imprensa infantil, que teve início quando ainda estava no ginásio e se estendeu até sua fase de universitário. Foi presidente do Comitê pela Anistia de Direitos Humanos no período de 1978-79. Como jornalista, foi repórter, redator e editor da *Folha de Londrina* e do jornal *Panorama*, na cidade de Londrina, entre 1968 e 1975.

© CARMEN KLEY

A obra

Os habitantes de Felicidade, município pequeno do interior do Brasil, vivem com invejável tranquilidade até o momento em que um velho avarento, antes de morrer, deixa uma herança inesperada: uma árvore que dá dinheiro. A euforia consumista que se espalha pela cidade quando essa árvore de flores extraordinárias é descoberta logo se transforma em depressão: as notas, tão perfeitas, tão novinhas, se esfarelam completamente quando alguém as leva para além da ponte que delimita a fronteira do município. Mas não leva muito tempo até a televisão e os jornais descobrirem essa árvore prodigiosa, fazendo com que a cidade voltasse a se encher de dinheiro, mas dinheiro de verdade, dinheiro que não se esfarela: as notas graúdas trazidas pela profusão de turistas ansiosos por rasgar e queimar dinheiro em Felicidade. Contudo, mais uma vez, aquilo que parecia uma bênção se revela uma maldição: a árvore para de dar dinheiro e os turistas abandonam a cidade, deixando-a endividada e poluída, sofrendo os efeitos desastrosos dos investimentos econômicos exagerados, das enchentes e da erosão. Apenas algum tempo depois, algo volta a nascer da malfadada árvore: não notas de dinheiro, mas frutos, deliciosos e suculentos, que ensinam àquela população cansada de tantos reveses a possibilidade de saborear coisas simples.

Comentários sobre a obra

Nessa novela – que é considerada uma história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa) –, Domingos Pellegrini parte de um fato fantástico, uma árvore que produz dinheiro, para traçar uma análise bastante realista dos tempos em que vivemos hoje, no qual a especulação financeira gera crises que afetam inexoravelmente a todos: se poucos de nós são capazes de compreender os princípios abstratos que regem nossa economia, a maioria de nós sofre diretamente as consequências dos reveses econômicos em nossa vida cotidiana.

A árvore que dava dinheiro é uma narrativa alegórica que não tem um personagem principal com o qual nos identificamos: o protagonista é a própria cidade, observada dos mais diversos ângulos. O consumismo exacerbado e a crise financeira se revelam no comportamento dos mais diversos habitantes da cidade: desde o bêbado com pés de elefante até os meninos que engraxam sapato de turista; das donas de casa que sonham em viajar pelo mundo até as moças que escondem produtos caros de beleza no fundo da gaveta.

Quadro-síntese

Gênero: Novela.
Componentes curriculares: Língua Portuguesa, História, Geografia.
Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação ambiental; educação em direitos humanos; saúde; educação para o consumo; educação financeira e fiscal; trabalho.
Público-alvo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.